



MUNICÕES CLUSTER

DÉCADAS DE FRACASSO

DÉCADAS DE SOFRIMENTO PARA A POPULAÇÃO CIVIL



CICV

0938/007T 03.2008 1.000



CICV

MUNIÇÕES CLUSTER

DÉCADAS DE FRACASSO
DÉCADAS DE SOFRIMENTO PARA A POPULAÇÃO CIVIL



CICV

Comité Internacional da Cruz Vermelha
19, Avenue de la Paix
1202 Ginebra, Suíça
Tel.: + 41 22 730 6001 Fax: + 41 22 733 2057
E-mail: shop.gva@icrc.org
www.icrc.org
© CICV, Março 2008
foto da capa: Damir Sagoli/Reuters



As munições cluster podem infestar grandes áreas com quantidades de submunições não detonadas que oferecem perigo para os civis e possuem conseqüências a longo-prazo para as comunidades afetadas pelos conflitos.

As munições cluster têm sido um problema que persiste há décadas. Apesar de terem sido usadas apenas em poucos conflitos nos últimos 40 anos, estas armas mataram ou mutilaram dezenas de milhares de civis nos países afetados por estas guerras. As munições cluster possuem características únicas que freqüentemente apresentam graves perigos para homens, mulheres e crianças, no momento em que são usadas, ou até muito tempo depois de terminada uma guerra.

Somente agora, os governos estão começando a agir para resolver os problemas humanitários causados por estas munições. Muitos Estados estão apoiando propostas para proibir algumas ou todas as munições cluster e os esforços estão em processo para que um novo tratado internacional, a fim de banir os piores modelos, seja criado. Chegou a hora para a tomada de uma ação decisiva sobre este tema, tanto a nível nacional quanto internacional; para eliminar as munições cluster que causam problemas humanitários severos e para ajudar as vítimas e as comunidades afetadas.

O que é munição cluster?

As munições cluster são lançadas por aviões, peças de artilharia ou por mísseis. Elas liberam submunições explosivas sobre uma grande área. Dependendo do modelo, o número de submunições pode variar de algumas dúzias até 600. A zona alvo sobre as quais são lançadas pode exceder os trinta mil metros quadrados. A maioria das submunições cai aleatoriamente e espera-se que elas explodam no momento do impacto, quando atingem o solo. Muitos militares consideram estas armas importantes para o uso contra múltiplos alvos dispersos sobre uma grande área (ex: tanques, veículos blindados, militares, etc.).



Associated Press

Países com feridos ou mortos por munições cluster

Afeganistão, Albânia, Azerbaijão (Nagorno-Karabakh), Bósnia-Herzegovina, Cambódia, Chade, Croácia, Eritreia, Etiópia, Iraque, Israel, Kuwait, Laos, Líbano, Montenegro, Marrocos (Saara Ocidental), Rússia (Tchetchênia), Sérvia (incl. Kosovo), Serra Leoa, Sudão, Síria, Tajikistão e Vietnã.

Fonte: Handicap International, Circle of Impact: The Fatal Footprint of Cluster Munitions on People and Communities, Maio 2007

Do Laos ao Líbano

O Laos tem lutado para lidar com as munições cluster por décadas. Aproximadamente 270 milhões de submunições cluster foram lançadas no país entre os anos 60 e 70. Dezenas de milhares falharam na explosão e continuam matando pessoas até hoje. Desde que o registro de dados teve início, em 1996, somente 364.000 submunições haviam sido retiradas.

Fonte: UXO Laos Website 2007

Em 2006, um curto conflito de 34 dias deixou o sul do Líbano cheio de submunições não detonadas. Os especialistas estimam que até um milhão delas não tenham explodido como deveriam. No final de maio de 2007, 904 áreas equivalentes a 36,5 milhões de metros quadrados foram identificadas como contaminadas. Mais de 200 civis já morreram ou foram feridos por elas.

Fonte: U.N. Mine Action Coordination Centre – South Lebanon



Mohammed Zaatari/AP

UM LEGADO TRÁGICO

Os severos efeitos das munições cluster já foram comprovados diversas vezes. Desde o primeiro lançamento registrado, no porto inglês de Grimbsy (1943), até o mais recente no Líbano (2006), as munições cluster custaram caro para a população civil durante e após os conflitos.

Durante as hostilidades – as munições cluster são projetadas para ter um impacto devastador em batalha ao espalhar grande quantidade de submunições explosivas sobre áreas muito grandes, a fim de destruir múltiplos alvos militares. Alguns modelos liberam centenas de submunições sobre mais de 30 mil metros quadrados de território. Em áreas povoadas, as vítimas civis são sempre numerosas. Uma vez que as submunições caem livremente, o uso incorreto, o vento ou outros fatores externos podem fazer com que elas atinjam áreas bem longe dos alvos.

Uma vez terminada a guerra – grandes quantidades de submunições caídas ou lançadas

falham e contaminam grandes áreas com munições mortalmente explosivas. Milhares de civis já morreram ou foram feridos ao encontrar estes dispositivos. A presença destas armas faz com que a agricultura e outras atividades essenciais sejam perigosas. Elas também atrapalham na reconstrução e no desenvolvimento da infra-estrutura, como estradas, ferrovias e estações de energia. As formas intrigantes e as cores destas bombas atraem muitas vezes as crianças que, naturalmente, as recolhem. O resultado é a morte ou a mutilação.

Áreas em 20 países estão contaminadas atualmente pelas munições cluster e o sofrimento que elas causam pode crescer dramaticamente se nada for feito para frear o uso. Hoje, bilhões destes dispositivos fazem parte do arsenal militar. Muitas estão velhas e isso as torna menos confiáveis e mais perigosas para os civis. Também existem relatos de que grupos armados não-estatais começaram a comprar e usar estas armas. Sem uma ação centralizada, as munições cluster poderiam chegar a ocasionar mais vítimas do que



As crianças, geralmente, são as vítimas das submunições. Ahmed estava jogando futebol perto da sua casa no Líbano. A bola atingiu uma submunição que explodiu.

as minas terrestres anti-pessoal, que agora estão banidas em três quartos das nações do mundo.

TECNOLOGIA DEFICIENTE

Uma grande proporção de munições cluster atualmente estocadas foi projetada no contexto da Guerra Fria e muitas estão velhas e não são confiáveis. Em alguns modelos mais novos, os produtores integraram características de autodestruição para assegurar que se autodestruam caso falhem em explodir como deveriam. Entretanto estes esforços não suprem as expectativas. Tais características diminuíram o número de submunições não detonadas em testes controlados, mas a taxa de falha verdadeira, no campo de batalha, continua alta, resultando em significantes níveis de contaminação. Uma proporção perturbadora de submunições encontradas nos solos do Líbano depois da guerra de 2006 era de bombas projetadas para a autodestruição. Mas, como em vezes anteriores, o mecanismo de autodestruição nestas submunições também falhou nas situações de combate.



John Rodstee

AS REGRAS EXISTEM, MAS...

Como outras armas não especificamente reguladas por um tratado, o uso das munições cluster está governado por regras gerais do Direito Internacional Humanitário.

As regras:

- Exigir às partes do conflito que distingam entre civis e bens civis de um lado, e combatentes e alvos militares de outro;
- Tentar minimizar os efeitos das hostilidades sobre os civis.

Mas, apesar destas regras, as munições cluster vêm ocasionando um severo impacto sobre os civis por décadas, devido às diferentes maneiras de interpretar estas regras e de aplicá-las às características particulares das munições cluster.

O Protocolo sobre Remanescentes Explosivos de Guerra (2003), anexo à Convenção sobre Certas Armas Convencionais, nos dá um quadro geral para esclarecimento rápido de todos os remanescentes de guerra, incluindo

as submunições. Embora o Protocolo esteja apoiado sobre importantes regras para minimizar o impacto de tais armas mortais, ele somente lida parcialmente com o problema das munições cluster. O Protocolo facilita a rápida remoção, uma vez que o conflito esteja terminado. Entretanto, ele não contém uma condição que possa prevenir que estas munições ofereçam perigo e que não contemplem proteção adicional para os civis no momento em que são usadas.

EM DIREÇÃO A UMA SOLUÇÃO INTERNACIONAL

Um crescente número de governos está chegando a conclusão de que o legado de mortes, ferimentos e sofrimento de civis provocados pelas munições cluster requerem ação nacional unilateral. A Bélgica se tornou o primeiro país a decretar uma lei nacional banindo as munições cluster. Outros adotaram moratória no uso, produção e transferência destas armas ou estão removendo o serviço de certos modelos com altas taxas de falha e imperfeição.

Um trabalhador de limpeza de área procura por submunições não detonadas e outros explosivos remanescentes de guerras após várias décadas de serem lançadas no Laos.

As ações para regular as munições cluster em nível internacional aumentaram rapidamente desde 2006, quando 25 nações propuseram negociações sobre um novo tratado no quadro da Convenção sobre Certas Armas Convencionais (CCAC. Sigla em inglês, CCW). Embora o acordo não tenha sido possível, um processo internacional lançado na Noruega em fevereiro de 2007 já juntou mais de 70 nações que estão comprometidas com o desenvolvimento de um instrumento internacional obrigatório para proibir “as munições cluster que causam danos inaceitáveis aos civis” até o fim de 2008. Os esforços para solucionar este problema no quadro da CCAC, envolvendo todas as principais forças militares, também continuam.

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) acredita que chegou a hora para terminar com esta calamidade. A organização apelou aos governos que negociem um novo tratado que:

- **Proíba o uso, o desenvolvimento, a produção, o estoque e a transferência de munições cluster imprecisas e não confiáveis;**
- **Exija a eliminação dos estoques existentes de munições cluster imprecisas e não confiáveis;**
- **Forneça assistência às vítimas, limpeza de áreas infestadas por munições cluster e atividades para minimizar o impacto delas sobre a população civil.**

Mesmo antes que este tratado seja adotado, os governos deveriam pôr fim, imediatamente, ao uso destas armas e à transferência delas para outros, além de destruir os estoques existentes.

No Iraque, submunições não detonadas foram encontradas espalhadas por várias áreas povoadas depois do conflito no país em 2003.



BARRANDO AS ARMAS QUE CONTINUAM MATANDO

Uma ação urgente é necessária para prevenir este número interminável de vítimas civis resultantes do uso das munições cluster. Os civis não deveriam ser mortos ou mutilados por armas que podem atacar cegamente – tanto durante quanto depois dos conflitos armados. Os governos devem ser encorajados a tomar medidas nos níveis nacional e internacional para pôr fim ao uso de munições cluster imprecisas e não confiáveis e a eliminar seus estoques. Uma ação focalizada pode salvar vidas e prevenir futuras tragédias.

Um novo tratado é importante, mas é somente um passo a caminho de uma resposta abrangente. A tomada de ação não precisa esperar pela adoção de um tratado internacional. Muito pode ser feito e está sendo feito agora para minimizar o impacto destas armas. O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, as Nações Unidas, as

agências estatais e muitas outras organizações já estão trabalhando em muitos países afetados pelas munições cluster e outros remanescentes explosivos de guerra. Seus esforços incluem a limpeza das áreas contaminadas, educação sobre o risco, assistência às vítimas e promoção do Direito Internacional Humanitário, incluindo o novo Protocolo sobre Remanescentes Explosivos de Guerra. Mas estes esforços continuam modestos se comparados às necessidades existentes. Um aumento permanente no comprometimento político e nos recursos é necessário para tratar a sobrecarga mundial de remanescentes explosivos de guerra e o legado letal do uso das minas terrestres.

“Hoje, o CICV está mais certo do que nunca de que um novo tratado internacional é essencial para proibir as munições cluster que provocam muitos danos à população civil, e para prevenir sua proliferação.

A crescente consciência da urgência deste problema e os novos compromissos feitos pelas nações neste campo, nos dão esperança de que um severo problema humanitário nos próximos anos e décadas seja prevenido. Tal oportunidade para prevenir este enorme sofrimento humano não acontece com frequência.”

Presidente do CICV, Jakob Kellenberger, 25 de outubro de 2007

MISSÃO

O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é uma organização imparcial, neutra e independente cuja missão exclusivamente humanitária é proteger a vida e a dignidade das vítimas da guerra e da violência interna, levando a elas assistência. O CICV dirige e coordena atividades internacionais de distribuição de ajuda humanitária conduzidas pelo Movimento em situações de conflito. A organização também se empenha em reduzir o sofrimento nestas situações, promovendo e fortalecendo o Direito Humanitário e os princípios humanitários universais. Criado em 1863, o CICV é a origem do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.